



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

GRACE APARECIDA DE FREITAS FELIX DUARTE

**UMA LEITURA INTERTEXTUAL DAS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*:
RELIGIOSIDADE E DIÁLOGOS COM A *BÍBLIA SAGRADA***

Orientador: Ms. Auricélio Soares Fernandes

**GUARABIRA
2015**

GRACE APARECIDA DE FREITAS FELIX DUARTE

**UMA LEITURA INTERTEXTUAL DAS *CRÔNICAS DE NÁRNIA*:
*RELIGIOSIDADE E DIÁLOGOS COM A BÍBLIA SAGRADA***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Programa de Graduação
em Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras –
Português/Inglês.

Área de concentração: Literatura
Comparada

Orientador: Prof.Ms. Auricélio Soares
Fernandes

**Guarabira
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D812l Duarte, Grace Aparecida de Freitas Felix
Uma leitura intertextual das Crônicas de Nárnia: [manuscrito]
: religiosidade e diálogos com a Bíblia Sagrada / Grace Aparecida
De Freitas Felix. - 2015.
47 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Auricélio Soares Fernandes, Departamento de
Letras".

1. Intertextualidade. 2. Bíblia Sagrada. 3. As Crônicas De
Nárnia. I. Título.

21. ed. CDD 869.91

GRACE APARECIDA DE FREITAS FELIX DUARTE

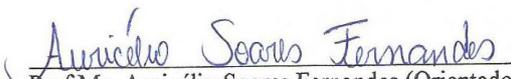
**UMA LEITURA INTERTEXTUAL DAS CRÔNICAS DE NÁRNIA:
RELIGIOSIDADE E DIÁLOGOS COM A BÍBLIA SAGRADA**

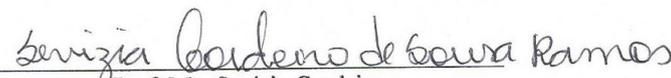
Trabalho de Conclusão de
Curso apresentada ao Programa de
Graduação em Licenciatura Plena em
Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Português/Inglês
Área de concentração: Literatura
Comparada

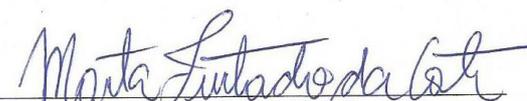
Orientador: Prof.Ms. Auricélio Soares
Fernandes

Aprovada em: 02/12/15

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Senizia Cordeiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr.ª Marta Furtado
Instituto Federal da Paraíba (UEPB)

A DEUS, a minha Mãe, a meu Pai (in memória)
e a meu Esposo pelo companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Senhor DEUS Todo Poderoso, por até aqui e sempre ter me sustentado, me dando a força necessária para continuar a seguir em frente dos os dias de minha vida, apoiada em suas mãos grandiosas Ele me impulsionou a continuar em minha vida acadêmica no momento em que realmente pensei em desistir, ingênua criança sou, pois, se quer imagino, a grandeza dos planos do Senhor para com essa sua humilde serva, agradeço a Nossa Senhora e agradeço ainda a ELE pelo apoio que minha família tem me dado em todos os desafios que enfrentei e pelo acolhimento de meu querido orientador.

A meu querido orientador Auricélio Soares, por me doar sua paciência, seu tempo, sua capacidade de ensinar, sua dedicação, sua inteligência, sua experiência, sua compreensão, sua solidariedade e por dividir comigo além de materiais de pesquisa, mais do que lhe é exigido como orientando, motivação e amizade, que DEUS Todo Poderoso possa lhe retribuir em formas de bênçãos e de graças tudo o que lhe for necessário ao decorrer de sua vida, meu muito obrigada.

À professora Senízia Cordeiro pelas leituras sugeridas ao longo deste trabalho, as quais originaram esse tema de pesquisa e a Professora Silvia Forato que com seu carinho motivou-me nos momentos em que mais precisei.

Ao meu pai José Carlos Avelino Felix (*in memoriam*), que neste momento assiste do céu, uma conquista que começou com seu sonho, sua compreensão e sua dedicação.

À Minha Mãe Hilda de Freitas Felix que com todo seu amor e seu carinho me compreendeu em todas as minhas ausências, em todos os meus momentos de stress, de desânimo e de impaciência devido aos meus deveres curriculares, agradeço a ela por cada oração feita por minha intenção, por sempre cobrar de mim aquilo que ela sempre acreditou que eu conseguiria conquistar.

Agradeço a minha tia Maria das Dores pelo apoio, carinho e compreensão, a minha sobrinha Cleane Duarte e toda a ajuda que me disponibilizou.

Aos meus amigos e colegas de classe da turma de 2011.1, em especial, Amélia Jessiely, Maria Valdinele, Rosiléia Marques, Leonardo, Yonara, Ana Simony e companheiros de trabalho que me compreenderam nos momentos mais necessários,

Tiago, Robisneide, Andrea Rocha, Erika Muniz, Janiele, Simony, Edinalton, Jadison, Lucia, Paula Roberta, Pedro Ivo, Carlos, Rayane Estevão e Ricardo, Mon Senhor Luiz, a querida Poliana Soares e todos os colaboradores da UEPB, que sempre estiveram a nossa disposição Marcieli, Cleber, Jonas e em especial Euda.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Aparecida, Ivonildes, Wallene Cavalcante, Luiz Henrique, Monaliza Rios, Fernanda, Fábio Vieira, Haroldo Queiroga, Iara Martins, Professor Ivan, Luana Lima, Verônica Lima, Leônidas, Luiz Célio, Mônica, Marta Furtado e todos que contribuíram ao longo desse período acadêmico, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

E em especial, ao meu esposo José Duarte, pela compreensão nos momentos em que ausentei, pelas vezes em que esperou o término de meus trabalhos acadêmicos, por compreender seminários, provas, estágios, pesquisas, por não faltar em nenhum momento com sua ajuda, seu carinho e seu amor, que DEUS o abençoe infinitamente.

“Pois que se uniu a mim, eu o livrarei; e o protegerei, pois conhece o meu nome. Quando me invocar, eu o atenderei; na tribulação estarei com ele. Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória.

Será favorecido de longos dias. E mostrar-lhe-ei a minha salvação”.

Salmo 90

RESUMO

A pesquisa referida neste trabalho discute a prática da Intertextualidade apresentada na literatura de *As Crônicas de Nárnia* em comparação ao contexto Bíblico Cristão. Através de uma pesquisa bibliográfica, reunimos estudos já desenvolvidos sobre a temática da Intertextualidade, à luz de autores como Júlia Kristeva, Bakhtin, Tânia Carvalhal e Gerard Genette, dentre outros estudiosos que contribuíram para os resultados finais deste trabalho acadêmico. Assim, este trabalho de conclusão de curso tem o objetivo de demonstrar semelhanças na obra de Lewis com acontecimentos encontrados nas passagens bíblicas, baseando-se em pesquisas de Glauco Magalhães Filho e Kath Filmer, que enfocam os princípios cristãos e a representação do bem e do mal no contexto da obra literária do escritor inglês. Para tal, escolhemos três livros das *Crônicas de Nárnia*: *O Sobrinho do Mago*, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* e *A Última Batalha* e os comparamos com os livros de *Mateus*, *João*, *Atos dos Apóstolos 2*, *Lucas*, *Marcos* e o livro do *Apocalipse*, presentes na *Bíblia Sagrada*.

Palavras-Chave: Intertextualidade; Bíblia Sagrada; *As Crônicas de Nárnia*

ABSTRACT

This work discusses the practice of Intertextuality presented in the literature of *The Chronicles of Narnia* compared to Biblical Christian context. Through a bibliographic research, we have gathered studies already undertaken on the subject of Intertextuality, illuminated by theorists and researchers as Julia Kristeva, Bakhtin, Tania Carvalhal and Gerard Genette, among other scholars who contributed to the final results of this academic work completion. Thus, the objective of this final graduation work is to demonstrate similarities of Lewis's work with events found in the scriptures, based on research GlaucoMagalhãesFilho and Kath Filmer, focuses on Christian principles and the representation of good and evil in the context of the English author's masterpiece. For that, we have chosen three books of *The Chronicles of Narnia*: *The Magician's Nephew*; *The Lion, the Witch and the Wardrobe* and *The Last Battle* which are compared to the books of Matthew, John, Acts 2, Luke, Mark and the Book of Revelation, present in *Holy Bible*.

Keywords: Intertextuality; The Holy Bible; *The Chronicles of Narnia*.

SUMÁRIO

	PÁGINA
Introdução.....	12
1. Intertextualidade – uma revisão teórica.....	13
2. A Intertextualidade na obra <i>As Crônicas De Nárnia</i> , de C. S. Lewis.....	20
3. Analisando elementos intertextuais da Bíblia Sagrada em <i>As Crônicas de Nárnia</i>	29
3.1. <i>O Sobrinho Do Mago</i> e os livros de Gêneses, Lucas, Mateus, João e Atos dos Apóstolos.....	29
3.2. <i>O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa</i> e os livros de Mateus, Lucas e João	35
3.3. <i>A última Batalha</i> e os Livros do Apocalipse, João, Mateus e Marcos.....	37
4. Considerações Finais.....	40
Referências.....	43
Anexos.....	45

INTRODUÇÃO

A intertextualidade está presente praticamente em quase todas as obras artísticas desde tempos imemoráveis. Ela se apresenta de forma significativa na obra de C. S. Lewis “As Crônicas de Nárnia”, trazendo semelhanças com o contexto bíblico Cristão, como nos livros de Mateus, João, Atos dos Apóstolos 2, Lucas, Marcos e o livro do Apocalipse.

O enfoque inicial desta pesquisa reuniu estudos baseados nas obras de Júlia Kristeva, analisando textos de Bakhtin, Tânia Carvalhal e Gérard Genette, levantando pontos essenciais sobre a Intertextualidade, seus enfoques, suas modulações, suas abrangências e modificações ao decorrer do tempo. Também analisando sua presença na obra de Lewis.

Existem em *As Crônicas De Nárnia* inúmeras semelhanças entre suas histórias e seus acontecimentos, com diversas passagens da Bíblia Sagrada, com o personagem do Leão Aslam como alegoria de Jesus Cristo, a criação do mundo de Nárnia pelo próprio Leão, o ato de este se entregar para morrer no lugar de um traidor para poupar-lhe a vida, o momento da destruição de Nárnia no final da obra e muitos outros fatores que se apresentaram no decorrer desta pesquisa, a qual tem objetivo de demonstrar algumas principais semelhanças encontradas em três livros da obra, sendo eles: *O sobrinho do Mago*, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupas* e *a Última Batalha*.

Encontramos também a partir de estudos realizados por Glauco Magalhães Filho, obras desenvolvidas analisando a presença do bem e do mal e do contexto Cristão em “As Crônicas De Nárnia”, posições adotadas pelo autor que evidenciam suas escolhas por empregar a essência do evangelho no contexto de sua obra.

Dessa maneira, esse trabalho de Conclusão de Curso está dividido em um conjunto de (três) tópicos. No primeiro faremos uma revisão teórico-crítica sobre a teoria da intertextualidade; no segundo, vamos debater a intertextualidade presente na obra de uma maneira geral, nos baseando nos trabalhos de Filho (2005) e Filmer (2006); e no terceiro tópico analisaremos especificamente os três livros de *As Crônicas de Nárnia* comparados aos livros

da Bíblia Sagrada. Finalmente, apresentaremos nossas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas utilizadas para nossa pesquisa e ainda os anexos, que contêm os resumos do enredo dos três livros analisados de *As Crônicas De Nárnia*.

1. Intertextualidade – uma revisão teórica

Ao estudarmos Literatura Comparada, inevitavelmente nos deparamos com a Intertextualidade. Nota-se facilmente que em “As Crônicas de Nárnia” existem presentes outros textos que dialogam entre si. A obra de Lewis objeto de análise para esse corrente trabalho, nos traz idéias que lembram outras idéias, personagens, enredos, contextos que se entrelaçam com outras obras anteriores e tornam a ideia central da obra mais complexa, traz em sua essência lembranças e vestígios que de certa forma podem lembrar outro texto ou forma de arte. Todo discurso deriva-se de algum outro discurso e dará lugar a outro e assim sucessivamente, segundo Buescu (2001): “(...) não é possível ler senão comparativamente (ou seja, racionalmente) (...) não se trata tanto da opção entre comprar e não comparar... Não há de fato como não comparar. Toda leitura é ativação, partilha é cooperação interpretativa (...) (p. 23)”.

O texto literário traz consigo traços de outros discursos já expostos no contexto textual, de forma que ao se ler tal texto, o leitor tem por finalidade colher experiências para produzir outra obra. Acerca disso, nos baseamos nas palavras de Kristeva (1969, p. 146), para afirmar que “(...) todo o texto é absorção e transformação de outro texto. (...) a linguagem poética se lê, pelo menos como dupla (KRISTEVA apud CARVALHAL, 1992, p. 50)”.

Inúmeros estudos sobre diversos assuntos apresentam-se permeados de resultados e significados ainda mais complexos quando analisados a partir de uma reunião de outros discursos que se interligam de alguma forma, demonstrando o quão positiva é a comparação, e o quanto esta pode engrandecer um texto ou uma pesquisa analítico-comparativa.

Assim, uma ideia exposta em um texto, seja num diálogo entre dois ou mais personagens, uma música, um relato, uma fotografia, possibilita a existência de inúmeras formas, imediatas ou tardias, intencionais ou inocentes, de compreensão do discurso, passando então acarretar o encontro de vozes que se originam dentro do texto em uma relação de autor e leitor. Essas múltiplas vozes do discurso oferecem ao leitor possibilidades infindáveis leituras, debates, pontos de vista, comparações etc. Sobre isso Bakhtin expõe:

A essência da polifonia¹ consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior a da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento (BAKHTIN 1981:16 apud ALÓS, 2006, p.10).

Sendo o texto composto por diversas citações e ideias alheias, vozes ocultas e entrelaçamentos, a intertextualidade desorganiza o seu espaço literal, fazendo jus ao autor de uma determinada obra, mas retirando-o da cena quando necessário, assim como Silva (2003) explana:

A intertextualidade da leitura desorganiza a linearidade, problematiza qualquer origem ou destino que a “explique”, que a faça devedora de respeito à Lei (dos direitos autorais), que a obrigue desobedecer ao Pai ou a matá-lo para, então, ocupar o seu lugar e dar continuidade à sua função, ressuscitá-lo (SILVA, 2003, pag.215).

Nesse contexto, entendemos que a presença da intertextualidade em um texto, “complica” a origem do mesmo, obrigando-nos cada vez mais a refletir acerca da autoria, da originalidade e do papel do artista. Porém,

¹ Entendemos por **polifonia** a junção de vozes ocultas dentro do discurso, a presença de outros textos dentro de um texto, idéias que conversam entre si e fazem uma determinada vontade acontecer, estudo realizado por Bakhtin.

concordamos que a intertextualidade não diminui a credibilidade artística de uma obra originada de outra, em certos pontos, pois apesar de ambas guardarem uma relação de dialogismo, ambas têm suas especificidades estéticas.

A intertextualidade permite que os textos dialoguem entre si, de forma que absorvam alguns discursos que lhes convém, permitindo que as relações existentes entre eles também se manifestem em forma de comparação crítica e analítica. Desta forma não se pode separar a intertextualidade do estudo comparado. Sobre isso, Carvalhal (2007) faz a seguinte observação:

A compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz à análise dos procedimentos que caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparativista, fazendo com que não estacione na simples identificação de relações, mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações (CARVALHAL, 2007, pag.51).

A intertextualidade permite contatos entre os textos, o diálogo entre os discursos, o empréstimos de ideias, a demonstração do autor oculto e de sua essência presentes em um novo contexto elaborado por um novo autor. Se levarmos em conta essa discussão, confirmamos que tudo se recria e a intertextualidade auxilia de forma significativa a arte do renovar-se, do recriar-se.

Desta forma, possivelmente a arte de comparar, de recriar e de aprimorar artes antecessoras vem se renovando, trazendo estudos e resultados, obras literárias e novos contextos artísticos e visuais tão ricos em conteúdo e sofisticação quanto os que os antecederam, como afirma Carvalhal (1992):

A noção de intertextualidade abre um campo novo e sugere modos de atuação diferentes ao comparativista(...). Principalmente, as novas noções sobre a produtividade dos textos literários comprometem a também 'velha' concepção de originalidade (p. 53).

Em 1969, Julia Kristeva desenvolveu estudos reformulando categorias já pensadas por Bakhtin a partir de sua obra a “Política de Dostoievski”, empregando o termo Intertextualidade no lugar de Intersubjetividade e definindo que esta acontece a partir do momento da leitura, que se referia à relação do autor e o leitor. Sobre a nova denominação, a autora afirma: “a palavra literária não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais (KRISTEVA, 1969, p.53)”, na qual podemos encontrar vestígios e fragmentos de ideias que compuseram um texto literário, e ao serem empregadas em um novo texto se completam, criando a ideia atual. Sobre esse contexto também encontramos um relato de Bakhtin, citando a possibilidade de uma simples citação ter o poder de re-significar ou não o elemento exposto no texto, mas sem excluir sua essência:

O discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso, ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral de construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama linguística do contexto que o integrou (BAKHTIN 1997:144 apud ALÓS, 1997:144).

Esse discurso citado traz seu sentido na obra a qual esta sendo integrada, sem mutilar o sentido da obra realizada no presente, conservando a harmonia do texto. Desta forma, a Intertextualidade não faz do texto um mosaico de citações onde são colados pedaços desgarrados e sem sentidos, mas, conserva e auxilia o contato entre os textos, entre as ideias e as essências.

Kristeva ainda define a intertextualidade como uma maneira de interagir de um texto com outro texto, ou outros textos, com o enfoque no texto cultural, o texto histórico e o texto social. Sobre isso Alós afirma:

Logo, a *intertextualidade* fica sendo definida, de acordo com as reflexões de Kristeva, como o processo de interação e intercâmbio semiótico de um texto primeiro com outro texto, ou outros textos, particularmente com o texto cultural, o texto histórico e o texto social,(na medida em que os três se interseccionam sem, no entanto, serem redutíveis um ao(s) outro(s) (ALÓS, 2006, p.14).

Kristeva ao focar seu estudo na obra de Bakhtin, reconsidera o estatuto da palavra, analisando-a como forma direta, objetual e ambivalente, na qual em sua forma direta, anuncia como o autor se expressa, sua intenção e fornece uma compreensão mais clara do sentido:

A palavra *direta*, remetendo a seu objeto, exprime a última instância significativa do sujeito do discurso nos quadros de um contexto; é a palavra do autor, a palavra que anuncia, que expressa, a palavra *denotativa*, que deve fornecer a compreensão objetiva, direta. (KRISTEVA, 1974:71 **apud** ALÓS, 2006, p.15).

E por sua vez, a palavra objetual:

A palavra *objetual* é o discurso direto das “personagens”. Tem uma significação objetiva direta, mas não se situa ao mesmo nível do discurso do autor, encontrando-se distanciada dele. É ao mesmo tempo orientada para seu objeto e ela mesma objeto de orientação do autor. Mas a orientação do autor para a palavra objetual não penetra nela; toma-a como um todo, sem alterar seu sentido, nem sua tonalidade; ela o subordina as suas próprias tarefas, sem se introduzir uma outra significação. Dessa maneira, a palavra (objetual), convertida em objeto de uma outra palavra (denotativa), não é “consciente” dela. A palavra objetual é, portanto, como a palavra denotativa (KRISTEVA, 1974:71-2 **apud** ALÓS, 2006, p.15).

Assim, a palavra objetual não carrega o peso da imposição intencional do autor para modificar o sentido do texto, mas, tem a função de preencher o texto como a fala das personagens, figurativamente. Por fim Kristeva denomina a Palavra ambivalente:

(...) o autor pode servir da palavra de outrem, para nela inserir um sentido novo, conservando sempre o sentido que a palavra já possui. Resulta daí que a palavra adquire duas significações, que ela se torna *ambivalente*. Esta palavra ambivalente é, pois, o resultado da junção de dois sistemas de signos (KRISTEVA, 1974, p. 72 **apud** ALÓS, 2006, p.16).

Dessa forma, a palavra pode ser lida e analisada a partir de duas visões, adquirindo dois significados, empregados em sua essência e em seu texto, como afirma ALÓS (2006)

[...] Assim, a palavra poética se lê duplamente, pois ela está inserida, ao mesmo tempo: a) em um eixo horizontal (sintagmático), cujos pólos são o emissor e o receptor do texto, transformados em significantes e incorporados á escritura e b) em um eixo vertical (paradigmático), ao longo do qual se organiza uma espécie de “memória” de todos os outros textos anteriores ou contemporâneos do texto em questão[...] (2006, p.16).

Por outro lado, Gerald Genette criou uma nomenclatura onde categoriza as diferentes formas de relações dos Intertextos, o Palimpsestos que diferente das formulações pensadas por Bakhtin e Kristeva, centrando nas interações semióticas entre textos literários propriamente ditos. Essa fundamentação foi de extrema importância para o estudo da intertextualidade. O autor citado primeiramente utiliza o vocábulo *transtextualidade* no lugar da intertextualidade, e o sub-categoriza em outras cinco categorias:

A transtextualidade inserida no lugar da intertextualidade denominada antes por Kristeva como intertextualidade, que é a presença de um texto, ou mais textos, presentes dentro de outro texto, e pode se apresentar na forma da citação, do plágio ou alusão. [...] A **paratextualidade**, que é composto partes dos textos tidas como acessórias, e as ligam com o contexto do texto. A **metatextualidade** também proposta por Genette é responsável por relacionar o conteúdo do texto com os comentários. A quarta relação proposta por Genette é a **hipertextualidade**, o qual o autor se dedicou a estudar mais extensamente, que vem a ser a relação que dá a união de um determinado texto B a um texto A. E por fim, a quinta proposta de Genette, que caracteriza tipos de discursos, como por exemplo: Poesias, narrativas e demais gêneros, a **arquitextualidade**. (GENETTE, 1982 apud ALÓS, 2006-grifos meus)

Genette ao concluir e especificar sua proposta de categorização contribui com os estudos sobre a intertextualidade e amplia os conceitos

antigos especificados outrora por Bakhtin e Kristeva, elevando seu conhecimento a diversos campos disciplinares.

Carvalho destaca por sua vez, a importância do comparativista em analisar com mais atenção o fator que motivou o autor de uma determinada obra a relacionar seu texto até então atual com outras obras já existentes, para a pesquisadora esta é uma atitude a ser tomada para o desenrolar de uma obra em uma forma crítica do estudo:

[...]Dito de outro modo, o comparativista não se ocuparia em constatar que um texto resgata outro texto anterior, aprimorando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. Vai ainda mais além, ao perguntar porque determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra. Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? [...] (CARVALHAL, 2006, p. 52 -53).

Os motivos podem ser inúmeros e decorrentes de muitos fatores como: interesse pessoal de cada autor, período histórico, período artístico vivenciado na época, período literário, contexto social e muitos outros, mas, essa compreensão é de extrema importância para se poder entender e compreender os pensamentos e suas correlações. É de certa forma complexo, pois trata-se de bases presentes em textos, essências e pensamentos, mas também não presentes nos textos.

Dessa forma, é possível compreender que o “diálogo” entre os textos não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito, que cede aos estudos comparados investigar numa perspectiva sistemática de leitura intertextual (CARVALHAL, 2006, p. 53).

Ao se comparar dois determinados textos, torna-se mais clara possibilidade da descoberta e da redescoberta de sentido e da motivação originária de essências que se completam entre si; essa exploração com um teor crítico busca a ressignificação do significado existente na obra “[...] Dessa

forma ele o redescobre, dando-lhe outros significados já não possíveis nele mesmo (CARVALHAL, 2006, p.58)".

Carvalho destaca também a prática da "repetição" de um texto ou fragmento de texto como uma forma não inocente de imitação presente em um estudo, de modo que essa repetição tem intenção de modificar, subverter, e atuar diretamente na relação com o texto anterior, mas de certa forma esse fato de repetição em uma obra, tem seu lado positivo, pois, acaba fazendo o texto anterior tomar uma forma mais atual e revigorada, reinventando-o. A prática da imitação tornou-se uma ferramenta para muitos estudiosos, de forma que veio a se tornar uma norma: "[...] Sabiam-no os clássicos, que estimulavam a imitação como prática necessária, tanto que a converteram em norma (CARVALHAL, 2006, p. 54)".

Dessa forma todo texto se apresenta derivado de outro texto, com uma pequena parcela de essência vinda de outro ou fragmentos quase que imperceptíveis de outras ideias podem se apresentar com grande presença de conteúdo referido à uma outra obra, mas, sempre estará vinculado a relações Inter ou Extra textuais, ligações que brotam de outras ideias, e de outros contextos, que melhoram um conteúdo literário ou que o re-signifique. Assim, a intertextualidade também pode estar presente em outros textos.

2. A Intertextualidade na obra *As Crônicas De Nárnia*, de C. S. Lewis

As Crônicas De Nárnia ou *The Chronicles Of Narnia*, no original em Inglês, são compostas por sete livros escritos pelo britânico Clive Staples Lewis, mais conhecido como C. S. Lewis, sendo uma de suas obras mais famosas, escrita entre os anos de 1949 a 1954. A literatura de *As Crônicas De Nárnia* faz uso constante da magia e da fantasia e aborda temas como o cristianismo, a mitologia grega, nórdica e também dos contos de fadas,

tornando-se significativamente admirada (e consumida) pelo público infanto-juvenil.

A intertextualidade presente na obra apresenta-se de forma representativa nos princípios cristãos. O contexto literário da obra de Lewis aborda uma luta entre o bem e o mal, abordando o valor da moralidade e da justiça no desencadeamento de todos os acontecimentos de suas histórias.

A intertextualidade religiosa por assim dizer encontrada na obra, se apresenta nas situações e atitudes vivenciadas pelos personagens da história. Lewis posiciona-os a ocupar lugares específicos, como o Rei Justo e bom, guerreiros e servos movidos pela lealdade, personagens que conspiram com maldade e a própria presença do lado obscuro na obra representado pela feiticeira sem escrúpulos e egoísta. Contexto semelhante ocorre na Bíblia também como fatores da luta entre bem e o mal, princípios que envolvem o caráter, a justiça e a honestidade, o sacrifício e a redenção.

Glauco Magalhães Filho (2005) desenvolveu estudos com referências à obra de C. S. Lewis e J. R.R Tolkien, amigo próximo de Lewis. Filho escreveu um livro chamado “O Imaginário em As Crônicas de Nárnia”, no qual especifica estudos na área do imaginário cristão, do pensamento religioso, da simbologia, do imaginário na literatura de Lewis e na identidade da simbologia Bíblica. Em um trecho dessa obra, Filho expõe uma posição defendida por J. R.R. Tolkien, o famoso autor de “O Senhor dos Anéis”:

Os Evangelhos contêm um conto de fadas, ou uma história de uma classe maior que abarca toda a essência dos contos de fadas. Contêm muitas maravilhas, principalmente artísticas, belas e comoventes: “míticas” em seu significado perfeito e completo [...]. Essa história, entretanto, passou a fazer parte da História e do mundo primário [...]. Essa história é superior; e é verdadeira. A arte foi comprovada. Deus é o Senhor, dos anjos, dos homens e dos elfos (TOLKIEN, 1966, p. 88 *apud* FILHO 2005, p.109).

O autor discute sobre a necessidade de unir a imaginação à razão, e fazer do mito um caminho para se alcançar a realização da fé. Assim, iluminados pelo pensamento de Tolkien, encontra-se a percepção da

grandiosidade de significados presentes no contexto e na essência da Bíblia Sagrada.

Filho também ressalta o que definiu C. S. Lewis em *God in the dock*, p. 66,7 (grifo do autor): “A essência do cristianismo é um mito que também é um fato [...]. Acontece em um dado momento, em um determinado lugar, seguido por consequências históricas definíveis [...]. Ao se tornar um fato, ele não deixa de ser um mito: este é o milagre (FLIHO, 2005, p.81)”.

Desta forma, o mito é o princípio de um caminho que levará diretamente ao fato ou milagre, como denomina o autor. No caso da Bíblia, os fatos históricos vêm sendo transmitidos de geração em geração e o uso do mito se fez necessário como ferramenta auxiliadora para levar com riqueza de detalhes e de significados todo o conteúdo Bíblico, sem desmerecer seus fatos e acontecimentos, nem os tornando menos verídicos, mas autenticando-os na fundamentação da Fé.

O autor concorda com o uso das ferramentas que auxiliam o imaginário através da cultura, e afirma que isso auxiliou a repassar os princípios cristãos, os diversos acontecimentos que hoje em dia impulsionam tantas pessoas a seguirem uma doutrina, a acreditarem em mensagens escritas a milhares de anos e que ainda fazem sentidos em suas interpretações, tornando visível o que antes era oculto, por meio da fé. “Embora o uso de elementos do imaginário cultural seja interessante e ajude a levar os conceitos cristãos aos povos, é preciso ter cuidado ao lançar mão deles [...] (FILHO, 2005, p.83)”, pois pode haver possibilidade de perigo da junção de culturas, podendo modificar o contexto histórico que esta em transição, e pode dar lugar a confusão de ideias e acontecimentos, a mistura de significados e conceitos.

Também é necessário ressaltar a importância do imaginário para a interpretação dos conceitos e absorção dos significados trazidos nas literaturas. Sobre isso, FILHO (2005) afirma:

O artista e o poeta, porém, estão familiarizados com uma realidade arrebatadora, cuja manifestação é imprevisível. O elemento imaginário lhes permite tratar com mais clareza e simplicidade questões – fundamentais para a vida – normalmente obscuras para a racionalidade humana (p. 160).

Sendo, assim a imaginação por sua vez, molda de forma pacífica diversas questões que em certos pontos se tornam assustadoras, como motivo da existência, o princípio e o fim, o além da vida, os sentimentos, o amor o ódio, a culpa, o real significado da vida.

Filho (2005) conclui:

Com Chesterton² podemos asseverar que os contos de fadas têm mais a nos ensinar sobre a lei moral do que muitos manuais. Em se tratando do que é eterno e celestial, somos como crianças, vemos como por enigma. Por, isso, nossa esperança é alimentada por imagens literárias contidas nas Escrituras (2005, p. 161).

Tal afirmação de Filho (2005) vem nos explicar os diversos dilemas existentes em nosso consciente e subconsciente, se fazendo válidas em suas explicações para uns, e não tão válidas para outros, que questionam e obstinam-se a buscar sempre mais significados sobre a vida, ou não buscar e se contentar simplesmente com o que acontece ou com o que se esta por vir, no caso daqueles que buscam uma resposta no cristianismo, Filho expõe um pensamento de Lewis:

Enquanto a Nova Era apresenta seres mitológicos representativos das energias misteriosas da natureza cósmica e rendidos a forças impessoais, Lewis interpretou os mitos segundo a visão antropológica. Para ele, os mitos refletem certos desejos do ser humano por significado e beleza, que só podem ser satisfeitos na esperança crista (FILHO, p. 130).

Desta forma, tanto na “Bíblia” quanto nas “Crônicas De Nárnia” se faz presente o conceito do mítico e a necessidade do conceito imaginário, para a realização do milagre e da fé, para a explicação das pequenas respostas e das grandes também, para o entendimento daquilo que em nossa condição humana é obscuro e inexplicável.

²Gilbert Keith Chesterton era um escritor britânico, também poeta, narrador, ensaísta, jornalista, historiador, biógrafo, teólogo, filósofo, desenhista e conferencista. Em uma de suas principais obras, Ortodoxia, defende os valores cristãos contra os chamados valores modernos (Wikipédia).

Outro ponto bem crucial sobre a intertextualidade presente na obra de Lewis é a presença do Grande Leão Aslam, como uma alegoria de Jesus Cristo, como Lewis comenta:

Não é claro que não foi inconsciente, mas, até onde consigo recordar, nem mesmo foi, a princípio, intencional. Isto é, quando comecei O leão, a feiticeira e o guarda-roupa, não creio que tenha previsto ou que Aslam iria fazer ou sofrer. Acredito que ele apenas insistiu em comportar-se de seu próprio jeito, como Jesus. É claro que compreendi isso, e toda a série de crônicas [Nárnia] tornou-se cristã (HOOPER, 1993, p.486 apud FILHO 2005, p. 20).

Em Apocalipse 5, Jesus é denominado como o “Leão Da Tribo De Judá” por sua força e realeza, por ser o filho de Deus e aquele que libertará seu povo da escravidão e o que romperá os sete selos referidos no juízo final. De acordo com o dicionário de símbolos de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (2009)leão como símbolo apresenta a seguinte definição:

Poderoso, soberano, símbolo solar e luminoso ao extremo, o leão, rei dos animais, está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria. Se ele é a própria encarnação do **Poder**, da **Sabedoria**, da **Justiça**, por outro lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo do **Pai**, Mestre, Soberano que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor [...] (p. 538).

O Dicionário ainda menciona suas semelhanças como outros líderes de outras religiões, também simbolizados como “Leões”: “Krishna, diz a Gita, é o leão entre os animais (10,30); Buda é o leão dos Shakya; Cristo é o leão de Judá (p. 538)”.

Por sua vez, a imagem do leão além de empregar força e poder, designa autoridade e sabedoria, representando a índole que um rei deve conter para liderar justamente e deixar todos seus servos satisfeitos. Essa imagem do leão está ligada a um grande mistério envolvendo a santidade do ser. Sobre isso encontramos ainda no dicionário:

Ali, genro de Maomé, glorificado pelos xiitas, é o leão de Alá, razão pela qual a bandeira iraniana é estampada com um leão coroadado. Dionísio, o Areopagita, explica por que a teologia dá a certos anjos o aspecto de leão: a forma do leão torna

compreensível a autoridade e a força invencível das inteligências santas, este esforço *soberano, veemente, indomável*, para imitar a majestade divina, assim como o segredo perfeitamente divino, concedido aos anjos, de envolver o mistério de Deus em uma obscuridade majestosa, furtando santamente aos olhares indiscretos os vestígios do comércio com a divindade, tal qual o leão que, segundo dizem, apaga na corrida a marca de seus passos, quando foge na frente de seu caçador [...] (CHEVALIER e CHEERBRANT,2009,p. 538).

O leão também está presente no Apocalipse, mais uma vez representando a realeza de Deus:

[...] Ele remete ao Apocalipse, onde o primeiro dos quatro seres vivos, cheios de olhos na frente e atrás, ao redor do trono celeste, é descrito sob a forma de uma leão; e a Ezequiel (1, 4-15), onde o carro de Jeová aparece com quatro animais, semelhantes a carvão de fogo ardente, tendo cada um quatro faces, dentre as quais uma de leão (CHEVALIER e CHEERBRANT,2009,p. 538).

Lewis faz com que os leitores utilizem-se da imaginação e absorvam a mensagem trazida do Evangelho para fundamentar sua ideia. Assim, representar Aslam como uma imagem que simboliza Jesus Cristo induz os leitores fazerem junção da imagem do Grande Leão ao significado da realeza de Deus, também presentes na natureza, buscando não a polemica do ato de se assemelharem dois contextos que diferentes que abrangem no caso da Bíblia fundamentos voltados para os milagres e a fé e no caso da obra de Lewis fatos que envolvem a mitologia, a fantasia e a magia, mas a evidencia que a idéia central da obra deseja empregar voltada para o evangelho e sua verdade:

Devemos, pois, *cingir os lombos com a verdade*. Na Bíblia a palavra lombo simboliza a fertilidade e, nessa citação, ela remete a fertilidade da mente. Deus não condena, portanto, a imaginação criativa no campo religioso, afinal ela consiste num dos traços da imagem e semelhança que temos com aquele que fez o céu e a terra. Enquanto Deus cria do nada, nós criamos a partir das imagens armazenadas na mente. O

importante é que nossa imaginação esteja *cingida com a verdade*, isto é, comprometida com o evangelho (FILHO, 2005, p. 21).

Outro fator muito importante é o ato de sacrifício oferecido por Aslam, para salvar a vida de um traidor, Edmundo. Jesus também se oferece em sacrifício por toda a humanidade, que não valorizava e nem compreendia seu ato de amor e o que mais chama atenção é o fato de que ambos ressuscitaram, sobre isso Filho cita:

Aslam morre em lugar de Edmundo para atender às exigências legais do Imperador de Além-Mar (figura de Deus-Pai), satisfazendo com tal ato a justiça de uma lei estabelecida em tempos imemoriais por um ser cuja integridade nunca é questionada (FILHO, 2005, p.156).

Ao ressuscitarem, tanto Jesus Cristo como o Grande Leão Aslam, provam uma dignidade infinita e uma capacidade de doação acima da capacidade humana e absorvem automaticamente para si um mérito de infindável amor por seus próximos tornando-os, na mesma medida, impotentes na hora da total entrega de suas vidas e vitoriosos após enfrentarem e saírem vitoriosos de uma batalha travada contra a mais temida consequência da vida, a morte, dar-se então lugar a Redenção:

Cristo triunfou e nos libertou do jugo do inimigo, portanto qualquer pessoa que invoca-lo, o Senhor a libertará, professando seus direitos sobre ela. Essa é a versão primitiva da redenção e a que recebe toda ênfase em O leão, a feiticeira e o guarda-roupa (FILHO, 2005, p.154).

Sobre essa ênfase Filho ainda Conclui:

Ao se fazer homem, Jesus poderia morrer em lugar dos demais seres humanos, praticando, assim, a obra de expiação, e por ser Deus, poderia conferir-lhe valor infinito. Jesus compensou a culpa infinita do ser humano com um sacrifício expiatório de valor infinito (FILHO, 2005, p.154).

Tais fatores especificam alguns exemplos das inúmeras semelhanças existentes na obra de C. S. Lewis, com os princípios e fundamentos Cristãos. Em “As Crônicas De Nárnia” existem evidências significativas relacionadas com

o meio Bíblico, assim como fatos que guardam essências cristãs em seus mais discretos contextos, códigos e símbolos. Cabe a cada leitor em suas análises pessoais desenvolver suas expectativas na medida da leitura e desvendamento do código literário da obra e associar-lhes as diversas essências do cristianismo presentes nas histórias da Bíblia; neste enfoque Filho (2005) argumenta:

“Deus nos chama a um encontro com ele. É isso o que a obra de C. S. Lewis reflete. Embora As crônicas de Nárnia tenham sido escritas sem pretensões teológicas, seu conteúdo evidencia que o ser humano não apenas pode dar a resposta certa a Deus, mas tal resposta pode impregnar sua vida a ponto de determinar-lhe todos os passos e pensamentos, incluindo o que ele venha a escrever (p.164).

Assim, é possível confirmar, apoiado no estudo de Glauco Magalhães Filho, a presença da teologia cristã na obra de Lewis e a evidência dos termos cristãos em “As Crônicas De Nárnia”. A influência do Cristianismo no contexto literário da obra parte da essência do autor e vai inocentemente apoderando-se dos acontecimentos e dos personagens no contexto literário criado por C. S. Lewis. Seu conteúdo absorve e assemelha-se aquele de um dos livros mais conhecidos no mundo e faz de sua obra algo extremamente rico em termos de significados, polifonias, novas interpretações, comparações e um novo meio de se escrever algo já escrito.

Em outro estudo desenvolvido por Kath Filmer na obra “Bloom’s Modern Critical Interpretations: the Chronicles of Narnia”, de Harold Bloom, também é evidenciada a figura de Aslan como alegoria de Jesus Cristo, que é a representação pura e concreta do bem, em um mundo mágico, no qual o Grande Leão é soberano e tem o poder de dominar a tudo e a todos, pois estes habitantes lhes são submissos por vontade própria, amor e lealdade:

Aslan, by contrast, not only is resurrected from death, but gives life back to the witch’s statues; he represents the Good, and is quite clearly a figure of Christ, transposed to the new, animal/human world of Narnia. If upon earth, animals were placed under the dominion of humans (see Genesis 1:26), in Narnia humans are under the dominion of the Lion, and what rule they enjoy over the Narnian populace of human and non-

human characters is only imputed to them by Aslan(FILMER **apud** BLOOM, 2006, p.150-151).

Aslan, ao contrário, não só ressuscita, mas dá a vida de volta às estátuas da bruxa; ele representa o Bom, como uma provável referência à figura de Cristo, transposta para o novo mundo animal/humano de Nárnia. Se sobre a terra os animais foram colocados sob o domínio dos seres humanos (ver Gênesis 1:26). Em Nárnia os seres humanos estão sob o domínio do Leão, e de seus personagens humanos e não-humanos a regra só é imputada a eles por Aslan.

Outro fator que Lewis procura evidenciar em sua obra é a posição ocupada pelo mal, encontrado em alguns personagens, destacando-se principalmente no Macaco Manhoso, do livro “A Última Batalha”, ocupando a posição inicial para a destruição de Nárnia:

The Ape also employs the same kind of evil modus operandi as Lewis's other villains: the domination of others. It is therefore quite clear that Lewis uses the same symbolic motifs throughout the oeuvre of his fiction, linking all the books thematically[...](FILMER **apud** BLOOM, 2006, p. 155).

KathFilmer (2006) ainda discute sobre “A última batalha”, analisando a posição do Ingênuo Jumento “Confuso”, que induzido pelo Malandro Macaco, acaba por auxiliá-lo em suas maldades e no final da obra é perdoado por Aslam, pois não tinha maldade em seu coração, apenas ingenuidade e medo:

Though like most fairy tales The Last Battle is concerned with the victory of good over evil in an abstract sense, it also deals with the question of the same kind of victory in individual lives. The donkey symbolises all those who ‘mean well’ despite their lapses into evil; for such individuals, Lewis has some compassion, since in his fiction, to mean well indicates future redemption [...](FILMER **apud** BLOOM, 2006, p. 156).

Desta forma Lewis busca confrontar o bem e o mal em sua obra, deixando claro cada posição ocupada pelos personagens, cada consequência adquirida pelas escolhas de cada uma de suas decisões, mostrando os valores dos princípios Cristãos e as maravilhas que podem ser alcançadas por optar em escolhas corretas e bondosas, como a liberdade, a lealdade e a redenção:

Lewis consistently represents evil as disease, self-centredness, domination, deception, devouring, and above all, as a mere parody of what is solid and real. He portrays good as wholeness, self-abnegation and surrender; as beauty, truth, and 'undeception', and as ultimate reality and freedom. (FILMER apud BLOOM, 2006, p. 157).

Desta forma, de acordo com FILMER (2006), Lewis aborda os dualismos do bem e do mal do nosso imaginário cultural como sinônimos de certo e errado, respectivamente e representa através de sua ficção uma moral religiosa implícita, que cabe ao leitor crítico relacionar e desvendar uma provável “moral na história”.

3. Analisando elementos intertextuais da Bíblia Sagrada em *As Crônicas de Nárnia*

3.1.O Sobrinho Do Mago e os livros de Gêneses, Lucas, Mateus, João e Atos dos Apóstolos

O leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantava a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante (LEWIS, pag. 59).

Neste trecho podemos perceber o Leão como um ser superior em sabedoria e poder, assemelhando-se a Deus; a partir da canção que o leão cantava tudo se criava. Percebemos a autonomia e onipotência existente na vontade do Grande Leão Aslam, assemelhando-se ao livro de Gêneses na Criação, quando Deus, soberano em poder onisciência e sabedoria, cria o céu e a terra e a partir destes dois elementos, todas as demais coisas que compunham o universo. Assim, a criação de Nárnia no capítulo nove provavelmente assinala elementos de intertextualidade entre as diversas histórias presentes na Bíblia Sagrada, fundamentadas no cristianismo.

Outro ponto que se assemelha com as passagens da bíblia é o momento que a Feiticeira Branca, movida por uma fúria incontrolável, lança contra o Leão uma barra de ferro, com a intenção de destruí-lo:

Ninguém (muito menos Jadis) erraria àquela distância. A barra acertou o Leão bem entre os olhos e caiu na relva. O Leão continuou a caminhar: seu passo não era nem mais lento nem mais apressado do que antes. Nem mesmo era possível afirmar que fora atingido. Embora não fizesse barulho ao andar, dava para sentir o seu peso, enquanto se aproximava (LEWIS, 2009, p. 61).

Neste trecho da obra de Lewis podemos interpretar três fatores que se fundamentam no contexto Cristão: Primeiro, a imagem da Feiticeira Jadis que desde que chegara a Nárnia e ouvira a música da criação cantada pelo Leão, sentia-se torturada e atormentada, o que a impulsionou a agredir e atacar o leão. A feiticeira afirmava ser soberana sobre todas as magias e por isso hostilizava e destruía todo ser vivente que ousasse querer não servi-la, e não suportando ver um ser maior em sabedoria e dominador de uma magia superior a sua, lança uma barra de ferro em direção ao leão, em direção em à sua cabeça, para matá-lo. Ao analisarmos sua personagem, perceberemos que existem dentro da feiticeira sentimentos de ciúme e inveja que se assemelham ao da serpente presente no Paraíso; ela representa o mal contra Deus e sua onipotência, se revelando contra sua autoridade, desafiando e rebelando-se contra ele e toda sua criação divina, a partir da Bíblia.

Um segundo ponto a ser observado é o fato que na obra o Grande Leão continua a caminhar, não apresentando sinal algum que fora atingido, assemelhando-se a Deus mais uma vez e sua realeza soberana, inatingível e inabalável;

Ao criar Nárnia, o grande Leão decide eleger dentre todos os seres recém-criados, pares de animais que seriam dotados do conhecimento, com capacidade de discernimento, da fala e do raciocínio, com a condição que estes respeitassem e também respeitassem a natureza, já que tudo em Nárnia possuía vida: as árvores, os espíritos das florestas, ³as dríades, as águas e etc.

³**Dríades** na mitologia grega, eram ninfas associadas aos carvalhos. De acordo com uma antiga lenda, cada dríade nascia junto com uma determinada árvore, da qual ela exalava. A dríade vivia na árvore ou próxima a ela. Quando a sua árvore era cortada ou morta, a divindade também morria (Wikipédia).

A partir do momento que Nárnia é criado, o leão decide escolher alguns pares de animais para segui-lo, tocando seus focinhos com a intenção de ungi-los:

Pela primeira vez, o Leão ficou em total silêncio, indo e vindo entre os animais. Aqui e ali aproximavam-se dois deles (sempre dois de cada vez) e tocava-lhes o focinho com o seu.[...] Os pares marcados imediatamente abandonavam os outros e seguiam o leão (LEWIS, 2009, p. 64).

Assemelha-se neste momento da obra de Lewis a escolha que Jesus fez por seus discípulos seguidores. Na Bíblia sagrada no livro de Lucas (6,12), quando Jesus escolhe 12 apóstolos, para lhe seguir e anunciar o evangelho. Em outra passagem Bíblica, Jesus alerta seus discípulos que “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me (Mc 8, 34)”, no momento em todos os que optarem a segui-lo estejam convictos que perderam sua próprias vidas, ou seja, não viverão para si próprios mas para defender um ideal de amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo antes de si.

Podemos relacionar um intertexto bíblico na obra de Lewis em outro trecho:

O Leão abriu a boca, mas não produziu nenhum som: estava soprando, um sopro prolongado e cálido. O sopro parecia balançar os animais todos, como o vento balança uma fileira de árvores. Lá em cima, além do véu do céu azul que as esconde, as estrelas cantaram novamente: uma música pura, gelada e difícil. Depois, vindo do céu ou do próprio Leão, surgiu um clarão feito fogo (mas que não queimou nada). As duas crianças sentiram o sangue gelar-lhes nas veias. A voz mais profunda e selvagem que jamais haviam escutado estava dizendo: - Nárnia, Nárnia, desperte! Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas! (Lewis, 2009, p. 64).

Ao se interpretar esse trecho da obra de Lewis, aparentemente encontram-se duas semelhanças significativas para a pesquisa comparativa, que reforça a visão de que o autor baseou-se no paradigma cristão ao representar o Grande Leão Aslam na forma não apenas de Deus, mas de Jesus e agora mediador de um espírito de vida que sopra sobre os seres ali presentes, que pode ser assemelhado ao Espírito de Deus (o Espírito Santo).

Mais uma vez, apresenta-se na obra de Lewis outra semelhança bíblica referente ao momento em que Deus envia seu Espírito Santo aos discípulos de Jesus e ao dia de Pentecostes:

O Leão sopra sobre todos os animais, um sopro de vida, de sabedoria e de conhecimento, Jesus se apresenta entre seus discípulos e lhes diz: “A paz esteja com vocês, assim como o Pai me enviou eu também envio vocês. Tendo falado isso, Jesus soprou sobre eles, dizendo: Recebam o Espírito Santo (João 20, 21-23).

No trecho da criação de Nárnia, Lewis evidencia ter vindo do céu ou do próprio Leão, um grande clarão feito fogo que nada queimou. Provavelmente isso demonstra uma referência ao fogo que desce sobre os apóstolos quando Jesus sopra sobre eles o Espírito Santo. Podemos conferir isso no seguinte trecho:

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava (Atos dos Apóstolos 2).

O grande Leão Aslam concede às criaturas a terra de Nánia suas florestas, frutos, animais e tudo que nela continha, mas adverte-os que devem cuidar e zelar de cada coisa ou ser ali presente, sob a pena de lhes retirar o dom da fala, já que todos os animais mesmo os falantes, foram gerados a partir dos que não falavam, e a todos era assegurado proteção, respeito e bondade:

Criaturas, eu lhes dou a si mesmas. Dou-lhes para sempre esta terra de Nárnia. Entrego-lhes as matas, os frutos e os rios. Entrego-lhes as estrelas e entrego-lhes a mim mesmo. Seus também são os animais mudos. Cuidem deles com bondade, mas não lhes sigam os caminhos, sob a pena de perder a fala. Pois deles foram gerados e a eles poderão retornar. Não o façam (LEWIS, 2009, p. 65).

No livro de Gêneses pode-se encontrar um trecho que assemelha-se às últimas frases que Aslam dirige aos animais e criaturas Narnianos: “Você comerá o seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó retornará (Gêneses 3, 19)”, nesta passagem Deus repreende Adão após este ter comido do fruto proibido pelo Senhor. Deus adverte Adão que por causa de sua desobediência, precisara trabalhar para comer do fruto da terra, terá de cultivá-la, e lembra-o que mesmo sendo um ser que fala, raciocina, anda, age e pensa nada mais é quem parte da terra e que no fim de sua vida seu destino será retornar a ela.

Quando Deus criou o mundo, os animais, as águas, o sol, as florestas, o homem e a mulher, tudo era novo e perfeito, não existiam quaisquer desentendimentos. Os dois primeiros seres humanos sequer percebiam que se encontravam em completa nudez; haviam frutos em abundância, e nada mais era necessário, mas, já existia naquele jardim, um mal movido pela inveja, uma serpente. Ao entrarmos nos paradigmas cristãos sobre o porquê o mal já estava presente no jardim do Éden recém-criado por Deus, notamos que em Nárnia também há uma figura semelhante, perversa e invejosa, que mesmo por engano vai para o novo mundo recém-criado, a feiticeira branca: “Pois, apesar de o mundo não ter mais do que cinco horas de idade, o mal já penetrou nele (LEWIS, 2009, p. 66)

Outro ponto importante a ressaltar nesta análise, encontra-se na parte da obra de Lewis onde Digory recebe uma solene missão de Aslam: Este teria que percorrer um grande percurso com a ajuda de seus amigos Polly e o cavalo Pluma, além do território de Nárnia em busca de um fruto especial para o Grande Leão.

Ao mesmo tempo em que tal missão tornara-se um grande ato de confiança da parte de Aslam para com Digory, esta se torna também uma enorme tortura para o jovem menino, pois ao encontrar o tão especial fruto, Digory depara-se com a feiticeira branca que ali está escondida, seguindo os passos do menino. Esta sem perder tempo, revela a Digory todos os magníficos benefícios que a fruta (uma maçã) possui, tendo o poder de realizar

um desejo a quem dela provar. A Feiticeira Branca ainda chantageia o garoto com o fato de sua mãe estar gravemente doente:

Você colheu o fruto do jardim. Está no seu bolso. E vai levá-lo, sem provar dele, para o leão: para que ele como o fruto; para que ele use o fruto. Simplório! Sabe que fruto é este? É a maçã da eterna juventude. Sei por ter provado, e também já sei que jamais ficarei velha ou morrerai. Coma a maçã, rapaz, coma a maçã... e viveremos os dois eternamente e seremos reis deste mundo... ou do seu próprio mundo, se resolver voltar para lá. Não esta vendo, bobo, que uma mordida nessa maçã pode curar a sua mãe? Esta no seu bolso. Aqui estamos por nossa conta. O leão esta muito longe. Use o seu poder mágico e volte para o seu mundo. Daqui a um minuto poderá estar ao lado de sua mãe, dando-lhe a maçã. Cinco minutos depois, ela ganhará novas cores no rosto (LEWIS, 2009, p. 86).

No trecho torna-se claro a intenção da Feiticeira de persuadir Digory de todas as formas possíveis para que ele traia a confiança de Aslam e o desobedeça. Assemelha-se esse fato ao momento que a serpente no Jardim do Éden tenta Eva que já havia sido proibida por Deus de comer do fruto proibido, sob a pena que morreriam. A serpente com toda sua astúcia e audácia, persuadindo Eva dizendo que se ela e o companheiro comessem do fruto, nada aconteceria, apenas se tornariam deuses e que se igualariam a Deus em poder e onipotência, Eva deixa assim entrar em seu coração os sentimentos de vaidade e ganância, traindo a ordem e a confiança de Deus, induzindo Adão ao mesmo: “Então a serpente disse a mulher: De modo nenhum vocês morrerão. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão deuses, conhecedores do bem e do mal (Gêneses 3, 4-5)”.

Ao contrário de Digory, Eva não resiste aos argumentos da serpente e se dá à sua tentação. A Feiticeira branca nesse momento da obra assemelha-se à serpente do Éden, com argumentos tentadores para fazer com que o menino se renda a seu desejo, mas por mais que ele pudesse resistir as suas palavras evidentemente falsas, ela utiliza de uma carta escondida e mais poderosa, um golpe baixo que deixa o coração do menino desesperado, usa da condição doente da mãe do jovem menino. Digory consegue reagir a essa

tentação ao se lembrar dos princípios que a própria mãe o ensinara. Sua mãe não gostaria que o filho quebrassem uma de suas promessas.

3.2.O Leão, A Feiticeira e o Guarda-roupa e os livros de Mateus, Lucas e João

Um dos fatos que mais se destacam entre contexto bíblico e as “Crônicas De Nárnia” é a existência de uma força sobrenatural acima de Aslam e de sua onipotência, muito maior também que o poder e conhecimento da feiticeira Branca, uma magia mais profunda, que lhes asseguravam leis severas e concretas, como: aquele que fosse um traidor comprovado, teria que morrer em uma grande mesa de pedra. Assim, para salvar Edmundo da morte, Aslam decide trocar sua vida pela do jovem e ingênuo garoto, se entregando para morrer em seu lugar, nas mãos da Feiticeira Branca e de seus seguidores.

Esse fato mais do que qualquer outro provavelmente foi o ponto em que Lewis (2009) mais uma vez coloca Aslam como uma Alegoria de Jesus Cristo, assemelhando o ato de sacrificar-se no lugar do outro para salvá-lo:

Amordacem-no! Gritou a feiticeira. Mesmo agora, quando lhe punham a focinheira, uma dentada dele bastaria para decepar, pelo menos, as mãos de dois ou três. Ao vê-lo amordaçado e amarrado, os mais covardes ganharam ânimo. Por instantes, as meninas nem sequer conseguiram vê-lo, rodeado como estava por aquela horda infernal, que lhe batia, dava pontapés, cuspiam-lhe em cima, insultava-o (p. 170).

Podemos assemelhar esse momento da entrega de Aslam aos seus inimigos, ao momento em que Jesus se encontrava nas mãos de seus algozes:Então cuspiram no rosto de Jesus e o esbofetearam. Outros lhes deram bordoadas, dizendo: “Faze-nos uma profecia, Messias: quem foi que te bateu?” (Mateus, 26, 67)”; a semelhança entre os dois acontecimentos é o fato que nem Jesus nem Aslam se defendem em momento algum. Jesus por ser filho de Deus e também Divino e em nenhum momento recorre a Deus para que o salve ou acabe com aqueles que o hostilizava. Aslam, de forma semelhante,

com toda sua força e poder soberano, também não reage; simplesmente para salvar outras pessoas e libertá-las do mal que as oprimiam, ambos se entregam por completo nas mãos dos inimigos.

Aslam entregara-se à feiticeira branca e seus discípulos malignos que o mataram. Minutos antes desse fato, O Grande Leão permite que as duas filhas de Eva, que são Suzana e Lúcia, que o perceberam muito triste, o acompanhassem até seu destino final, cuidando de deixar as duas meninas em um esconderijo seguro em meio à escuridão da mata, para que os outros não as vissem. Suzana e Lúcia não conseguiam acreditar no que seus olhos presenciavam: Aslam se entregará a feiticeira branca. Agora, o soberano Leão, sofria as mais perversas humilhações, agressões e insultos, até chegar à morte. Neste momento os corações das duas meninas se encontravam desesperados, revoltados e transpassados por uma dor profunda, que resultava em inúmeras lágrimas de pranto:

Quando tudo se acalmou, Suzana e Lúcia foram para o alto descoberto da colina. Ainda era possível distinguir, apesar das nuvens delicadas que ocultavam a lua, o vulto do Leão, que jazia morto nos grilhões. Ambas se ajoelharam na relva molhada, beijaram o rosto frio e Aslam, acariciaram seu bonito pelo – o que ainda restava dele – e choraram amargamente, ate que não puderam mais [...] (LEWIS, 2009, p. 172).

Comparamos esse trecho acima com a passagem Bíblica do Evangelho de Lucas (23, 27): “[...] Uma grande multidão do povo o seguia. E mulheres batiam no peito e choravam por Jesus [...]” que demonstra a dor daquelas mulheres que o conheciam e sofriam por vê-lo sofrendo e caminhando para a crucificação.

Em outro trecho deste mesmo capítulo de “As Crônicas de Nárnia” existe um acontecimento surpreendente, muito semelhante ao fato da morte de Cristo:

O sol dera a tudo uma aparência tão diferente, alterando de tal maneira as cores e as sombras, que por um momento não repararam na coisa de fato importante. Até que viram. A mesa de pedra estava partida em duas por uma grande fenda, que ia de lado a lado. E de Aslam, sem sombra.

- Oh! Oh! Oh! – gritaram as meninas, correndo para a mesa.

- Isso é demais! Podiam ao menos ter deixado o corpo em Paz.
- Mas que coisa é essa? Ainda será magia?
- Magia, sim! Disse uma voz forte, pertinho delas. – Ainda é magia.

Olharam. Iluminado pelo sol nascente, maior do que antes, Aslam sacudia a juba (pelo visto, tinha voltado a crescer) (LEWIS, 2009, p. 174).

Aslam ressuscitara pelo poder de uma magia mais profunda, existente além do tempo, que a Feiticeira Branca desconhecia, na qual se uma vítima inocente de traição fosse sacrificada no lugar de um verdadeiro traidor, este morreria e ressuscitaria.

Neste contexto literário, pode-se assemelhar a vitória de Aslam sobre a morte com a Ressurreição de Cristo após ter sido crucificado e morto. Maria Madalena uma das seguidoras de Jesus vai até o sepulcro onde estava o corpo de Cristo após sua morte e ao chegar se depara com a pedra que fechava o túmulo totalmente aberta:

Depois de disser isso, Maria virou-se e viu Jesus de pé; mas não sabia que era Jesus. E Jesus perguntou: “Mulher, por que você esta chorando? Quem é que você esta procurando?” Maria pensou que fosse o jardineiro, e disse: “Se foi o senhor que levou Jesus, diga-me onde o colocou, e eu irei buscá-lo”. Então Jesus disse: “Maria.” Ela virou-se e exclamou em hebraico: “Rabuni!” (que quer dizer: Mestre) (João 20, 14-16).

Na análise do segundo texto, objeto de nosso estudo, apresenta-se mais claramente a predominância de elementos intertextuais bíblicos.

3.3. A última Batalha e os Livros do Apocalipse, João, Mateus e Marcos

A última Batalha é o último livro de *As Crônicas de Nárnia*. Nesta parte da obra, evidenciamos ainda mais que as duas partes anteriores que analisamos, semelhanças com acontecimentos presentes na Bíblia. Tais fatos podem ser o livro do Apocalipse, escrito por São João, o livro da revelação:

Este livro, portanto, é uma mensagem reveladora. O autor procura revelar o mistério (10,7) do que está acontecendo e do que vai acontecer: Deus vai agir na história, julgando e destruindo o mal, para implantar definitivamente o seu Reino entre os homens (11,15) (Apocalipse, 10, 7; 11, 15).

No livro *A última batalha*, Lewis também descreve os fatos finais de Nárnia: seu julgamento, a separação do bem e do mal e sua destruição.

O centauro, fiel guerreiro do Rei Tirian, e também estudioso da Astrologia e do universo, previne sua Majestade que ao observar as estrelas e os astros, não encontrava há muito tempo nada que dissesse respeito à vinda de Aslam. Pelo contrário, alerta o Rei que se prepare para o que há de vir, pois um grande Mal está para cair sobre Nárnia:

[...] As estrelas nada dizem sobre a vinda de Aslam, nem sobre paz e alegria. Pelos meus conhecimentos, sei bem que, nestes quinhentos anos, jamais ocorreu tão desastrosa conjunção de planetas. Já estava pensando em vir prevenir Vossa Majestade de que algum grande mal está por abater-se sobre Nárnia [...] (LEWIS, 2009, p. 638).

Esta passagem do texto de *A última Batalha* demonstra outra ligação intertextual com a Bíblia, mas diferente em seu contexto e anunciação. Quando o Messias estava para nascer, alguns reis magos estudiosos da astrologia, previram pelas posições das estrelas, o nascimento de Jesus, que viria para salvar o mundo e dar vida ao seu povo oprimido pelo poder e pelo pecado:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: “onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para prestar-lhe homenagem” (Mateus, 2, 1-2)

Desta maneira, se Aslam realmente estivesse para chegar em Nárnia, as estrelas falariam em seus sinais e em suas constelações, assim como anunciaram a vinda do filho de Deus, já que Aslam é o filho do Imperador de Além-Mar.

Rishda Tarcaã junto a seus companheiros que enganavam e corrompiam Nárnia e seus habitantes, em seus últimos dias, invocam o horrendo Tash para amedrontar os Nárnianos, acreditando eles mesmos, que Tash não existia. Chegam a dizer que Aslam e Tash são as mesmas pessoas, cometendo assim um erro, já que o bem, representado por Aslam, nunca se Juntaria do Mal que representa Tash.

Ao chegar os últimos momentos de Nárnia, Tash aparece para buscar aqueles que a ele pertencem, que praticaram uma vida cheia de maldade e perseguições, oprimindo e destruindo os inocentes. Quando se deparam com Tash, tanto o grupo do Rei Tirian quanto os companheiros do macaco Manhoso, que se diziam seus seguidores, sentem um enorme pavor, pois a criatura fazia tremer até mesmo os mais corajosos guerreiros. Mas, em meio ao perigo, o Rei Tirian é surpreendido por sete reis e rainhas parados á sua frente; eram os todos os Reis e Rainhas de Nárnia, desde o tempo antigo, e um deles com um tom de voz calmo mas autoritário, expulsa Tash de uma forma incontestável, o mandando embora em nome de Aslam e de seu Pai o Imperador-de-Além-Mar:“ – Suma daqui, monstro! Volte para seu lugar e carregue o que por direito lhe pertence! Em nome de Aslam e do Grande Pai de Aslam, o Imperador-de Além-Mar! (LEWIS, 2009, p. 707)

Este momento da história das *Crônicas de Nárnia* assemelha-se a passagem do livro de Marcos, na Bíblia Sagrada, quando Jesus ordena a seus discípulos que vão e preguem o Evangelho:

[...] Então Jesus disse-lhes: “Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade. Quem acreditar e for batizado será salvo. Quem não acreditar será condenado. Os sinais que acompanharam aqueles que acreditarem são estes: expulsarão demônios em meu nome, falaram novas línguas; se pegarem cobras ou beberem algum veneno, não sofreram nenhum mal; quando colocarem as mãos sobre os doentes, estes ficaram curados [...] (Marcos 16, 15-19).

Outro momento na obra de Lewis a se assemelhar com o contexto do livro do Apocalipse é o momento que o Gigante toca a trombeta para anunciando a destruição de Nárnia:

Então o gigante levou á boca uma trombeta. Sabiam disso porque a silhueta dele contra as estrelas mudara de formato. Depois disso – más só um pouquinho, já que o som se propaga mais devagar -, ouviram o som da trombeta, alto e terrível, se bem que de uma beleza estranha e fatal (Lewis, 2009)”, [...]“Com um misto de espanto e terror, todos subitamente estremeçeram ao se darem conta do que estava realmente acontecendo. A escuridão que se propagava não era nuvem coisa nenhuma: era simplesmente um vazio. A parte negra do céu era o lugar onde já não havia mais estrelas. Todas elas estavam caindo. Aslam as chamara de volta pra casa (LEWIS, 2009, p. 719).

Neste momento da obra, torna-se claro que chegou o fim de Nárnia, assim como no Livro final da Bíblia Sagrada, o Apocalipse. Ainda, percebem-se semelhanças como o Primeiro anjo que também toca uma das sete trombetas, que anunciam o começo dos fenômenos da natureza que destruíram a Terra:

O primeiro Anjo tocou. Caiu então sobre a Terra uma chuva de pedra e fogo, misturados com sangue[...]. O terceiro anjo tocou. Caiu do céu uma grande estrela, ardendo como tocha acesa. Caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes. O nome dessa estrela é “Amargura”. A terça parte água ficou amarga. Muita gente morreu por causa da água, porque ficou amarga. O quarto anjo tocou. Atingiu um terço do Sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de modo que ofuscou a terça parte deles (Apocalipse 8, 7-12).

No final do último livro de “As Crônicas de Nárnia” há um fato temporal no que se refere ao fim, tanto de Nárnia, quanto ao fim dos tempos na Bíblia, quando de acordo com o livro sagrado dos cristãos, acontecerá o Julgamento Final e Jesus Cristo virá para salvar os bons e justos e condenar aqueles que tiveram a vida baseada no pecado e na transgressão dos mandamentos divinos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intertextualidade, como teoria lingüística e artística, presente nas duas literaturas que aqui analisamos em forma comparativa “*As Crônicas de Nárnia*”

e a “Bíblia Sagrada Cristã” (Mateus, João, Atos dos Apóstolos 2, Lucas, Marcos e o livro do Apocalipse), tornam verídicas e essenciais para a realização deste trabalho acadêmico a demonstração de semelhanças entre os dois contextos, que priorizam a luta e a vitória do Bem contra o mal, fazendo uso de teorias iluminadas pelos pensamentos e estudos de: Júlia Kristeva, Mikhail Bakhtin, Tânia Carvalhal e Gerard Genette junto a Glauco Magalhães Filho e Kath Filmer.

Através dessa pesquisa bibliográfica tornou-se possível identificar semelhanças em vários aspectos sobre a intertextualidade. *As Crônicas de Nárnia* e a Bíblia Cristã demonstram mais do que semelhanças contextuais, mas, essências vivenciadas e acreditadas por C. S. Lewis, como demonstrado pelos estudos de Filho (2005) sobre a posição do autor e abordando ainda o conceito de Bem e Mal analisado por Kath Filmer na obra de Harold Bloom (2006).

A ideia de um contexto Cristão em *As Crônicas De Nárnia* mesmo que não confirmada a princípio por seu autor, demonstrou ter ganhado espaço e força ao decorrer de seus acontecimentos, demonstrando que sua essência está categorizada nos princípios Cristãos do Evangelho, evidenciando fatos significativos que defendem essa afirmação, como a Posição do Leão Aslam categorizado como alegoria de Cristo, A Feiticeira Branca representando o mal e o livro de *A Última Batalha* que trás a destruição de Nárnia e o julgamento de seus habitantes referindo-se ao Apocalipse (o juízo final do mundo).

Desta forma, reunindo teorias sobre os princípios que englobam a intertextualidade, é possível demonstrar concordâncias em vários pontos onde se cruzam a opinião dos autores analisados nesta pesquisa, como fatos Cristãos presentes na Obra de Lewis que se referem aos princípios da essência do cristianismo encontrados em sua obra primária e original a Bíblia Sagrada. Tais pontos se entrelaçam e demonstram que a segunda obra “*As Crônicas de Nárnia*” pode ter se originado baseando-se num discurso e em um contexto religioso, fazendo uso do sistema imaginário fértil por assim dizer, que englobam a magia, a mitologia e a fantasia para atingir seu público juvenil ou de outras colocações religiosas e sociais. Demonstra que a idéia de Lewis ao

empregar um contexto Cristão na essência de sua Obra deu forma a alegoria de Jesus Cristo como o Grande Leão Aslam, a Feiticeira Branca representando o mal, Nárnia como O mundo Criado por Deus, atos adotados pelos personagens que se assemelham a conduta cristã, e conseqüências vividas por eles que evidenciam a mensagem do evangelho, diversos contextos literários presentes em *As Crônicas De Nárnia* que espontaneamente transmitem a essência do Cristianismo.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BÍBLIA SAGRADA – EDIÇÃO PASTORAL. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

BUESCU, Helena Carvalhão. Grande angular. **Comparativismo e práticas de comparação**. Lisboa: Gulbenkian/FCT, 2001.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

CHEERBRANT, Alain e CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos**: (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 23º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHESTERTON, G. K. Ortodoxia. Trad. Eduardo Pinheiro. Porto: Livraria Tavares Martins, 1944.

CORRALES, Luciano. **A Intertextualidade e suas origens**. Apostila. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

FILHO, Glauco Magalhães Barreira. **O imaginário em As crônicas de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

FILMER, Kath. Images of Good and Evil in the Narnian Chronicles. In: **C.S. Lewis's The Chronicles of Narnia** / Harold Bloom, editor. (Bloom's modern critical interpretations). United States: Chelsea House Publishers, 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

HOOPER, W. (ed.). Letters of C. S. Lewis. New York: Hartcourt Brace, 1993.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semianálise**. São Paulo: Debates, 1969.

LEWIS, C.S., 1898-1963. **As crônicas de Nárnia**. TtraduçãoSilêdaSteuernagel Paulo Menddes Campos; ilustrações de Pauline Baynes]. – 2ºed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SILVA, Marcio Renato Pinheiro. **Leitura, texto, intertextualidade, paródia**. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, Apostila.

ANEXOS

Texto 1. *O sobrinho do Mago*

O primeiro livro do Volume único de “As Crônicas de Nárnia” conta a história de duas crianças chamadas Digory e Polly, moradores da cidade de Londres, que se aventuraram pelo sótão da casa onde a menina morava e descobrem que a partir dali, era possível acessar todos os sótãos das casas da rua onde os dois moravam.

Em meio a brincadeiras, descobrem que o tio de Digory, um homem já velho nada agradável com as crianças, possuía anéis mágicos, que ao serem tocados ou usados, transportariam aqueles que os tivessem portando para outro lugar, um mundo mágico.

Por uma atitude má intencionada do tio de Digory, as duas crianças vão para em um lugar onde existiam vários pequenos rios. Como Digory possuía uma curiosidade grandiosa dentro de si, induz Polly a explorar os diversos rios existentes naquele lugar misterioso. Mas, mal sabiam os dois que ao saltarem no primeiro rio seriam transportados para uma cidade totalmente sem vida chamada Charn e se deparariam com seres muito diferentes, além de muito grandes eram também estátuas.

Dentro deste lugar até então inimaginável para as duas crianças, Digory se depara com uma charada que o deixa intrigado e decide decifra-la sem medir consequências, já ali existia um bilhete que dizia que para se descobrir algo sobre aquele estranho lugar era necessário tocar o sino que estava sobre a mesa. Desta forma as crianças motivadas pela enorme curiosidade do garoto, despertaram sem querer a Rainha Jadis, um ser diferente de tudo o que já haviam visto, em forma de mulher era a criatura mais cruel, sem piedade, egoísta e má que poderia existir, confessando ela mesma ter transformado os habitantes de Charn em seres totalmente paralisados e sem vida. Mais tarde no desenrolar da história, Jadis virá a se tornar a Feiticeira Branca.

Ao tentarem retornar para Londres por meio dos anéis mágicos, as duas crianças transportam também a Rainha Jadis, que conseguiu agarrar a ponta da orelha de Digory. A partir deste momento gera-se uma enorme confusão entre os cidadãos de Londres. O tio de Digory fica fascinado pela a Rainha Jadis e Digory em uma tentativa de consertar o erro que cometera ao traze-la para Londres, toca-a no momento que toca o anel, para serem transportados para o mundo mágico novamente, com o intuito de deixar a Rainha Má novamente onde a encontrará. Mas, mais uma vez seu plano não sai como ele desejará, o garoto trás consigo acidentalmente além da Rainha Jadis, seu tio, Polly e outros personagens que moravam na cidade de Londres.

Todos se deparam em outro lugar, não mais a cidade fantasma de Charn, mas, um lugar escuro e quieto, a não ser por uma canção que parecia estar muito longe, era uma melodia magnífica, despertava em todos sentimentos de ambiguidade como alegria e tristeza, felicidade e angustia, calma e desespero, sentimentos que se apresentava conforme a essência do coração de cada um, sem terem a menor ideia, eles estavam presentes no exato momento em que o Grande Leão Aslam criava Nárnia, a partir da canção que ele cantava e que eles ouviam.

Texto 2. *O Leão, A Feiticeira E O Guarda-Roupa*

O segundo livro das “As Crônicas de Nárnia” “O Leão, A Feiticeira E O Guarda-Roupa” demonstra que o tempo passa muito lentamente no mundo mágico de Nárnia em comparação ao tempo no mundo real. Depois de muito tempo, quatro crianças foram enviadas para morar na casa de um professor amigo de seus pais, que visavam assegurar-lhes a vida, pois a Inglaterra encontrava-se em guerra, sendo muito frequentes os ataques aéreos nas cidades. Na casa do professor, Pedro, Suzana, Edmundo e a pequena Lucia encontravam-se entediados, principalmente nos dias de chuva que eram constantes naquela época, resolveram se distrair dentro da grande casa de campo com enormes corredores e vastas salas, em uma de suas brincadeiras encontram um grande guarda-roupa antigo e mágico. Era um portal encantado para o mundo de Nárnia.

A primeira a fazer a passagem foi Lucia, que ao contar aos irmãos fora totalmente ignorada, mas, mais adiante eles comprovaram que a pequena dizia a verdade, e constataram que o mundo imaginário encontrado pela irmã menor era real e surpreendente.

O segundo a entrar em Nárnia foi Edmundo, um garoto movido por revolta e inveja do irmão mais velho, Pedro.

Logo ao chegar ao então “mundo de Lucia”, encontra-se com a Feiticeira Branca, que havia transformado tudo em um lugar onde reinava um rigoroso inverno. A feiticeira se interessa por Edmundo ao perceber que este era um filho de Adão e parecia ser fácil de influenciar, ela sabia que existia uma antiga profecia que dizia que dois filhos de Adão e duas filhas de Eva ajudariam o Grande Leão Aslam a acabar com o mal ali existente, dando lugar a vida e pondo fim ao inverno que ela impusera. A feiticeira Branca aborda Edmundo e facilmente descobre que ele possuía mais um irmão e duas irmãs. Sem perder tempo, enfeitiça Edmundo com um delicioso manjar turco prometendo que se o garoto trouxesse seus irmãos e os entregasse a ela, ela e Edmundo governariam Nárnia juntos, dessa forma se deu a grande traição cometida por Edmundo contra seus irmãos e contra Aslam que ele ainda nem conhecera, mas que faria um ato de amor inimaginável por ele.

A partir do momento que os quatro jovens pisaram em Nárnia, começava o declínio da Feiticeira Branca e iniciava-se a Volta Do Grande Aslam que vinha para libertar todos os seres de Nárnia das mãos da inimiga, começava a era de ouro em Narnia para todos os habitantes leais a Aslam que sofriam com a maldade de Jadis.

Texto 3. *A Última Batalha*

“Nos últimos dias de Nárnia, lá para as bandas do ocidente, depois do ermo do Lâmpião e bem pertinho da grande cachoeira, vivia um macaco (LEWIS, 2009, p. 631)”.

No último livro das sete crônicas de Lewis, “A Última Batalha” inicia-se falando de um personagem o macaco Manhoso, um personagem que a primeira vista demonstraria ser inocente e inofensivo, mas que na realidade era um animal que possuía o dom da fala, muito esperto, manhoso fazia jus a seu nome, possuía uma personalidade ambiciosa e cheia de malícia, era um ser cheio de esperteza e malandragem.

O macaco Manhoso vivia em Nárnia na companhia de um amigo muito ingênuo, o jumento Confuso, que também faz jus a seu nome, era um animal falante, muito tolo e

inocente, enganado facilmente por seu amigo e companheiro espertalhão o macaco manhoso, que não mede esforços para conseguir o que quer, sempre tirar o melhor proveito da situação em que se encontra e dos seres que estão em seu redor.

Muito tempo se passou desde que as filhas de Eva e os Filhos de Adão voltaram para o mundo real, cerca de mais ou menos duzentos anos. Os habitantes de Nárnia já não falavam mais em Aslam, e nem se lembravam Dele, muitos não acreditavam que o Grande Leão Voltaria, não acreditam nem na possibilidade de Ele ter um dia existido, mas alguns dos seres de Nárnia, apenas os que se mantiveram mais fieis esperavam a volta do criador de Nárnia para fazer justiça e leva-los para sua terra além das águas mais distantes do mar, para assim dizer o paraíso.

Manhoso encontra uma pele de leão boiando na cachoeira, tem então a ideia maliciosa de forjar um falso Aslam e obriga o jumento Confuso a usar a pele do animal e se passar pelo grande rei, para tirar proveito de todos os inocentes que eram fieis ao Grande Aslam verdadeiro. Como o jumento Confuso era medroso e não possuía atitude nenhuma para vetar os planos do malandro macaco, manhoso faz um verdadeiro estrago no que restava de Nárnia, começa por dizer que Aslam (o falso) o denominou seu porta voz, e assim começou a cometer iniquidades uma maior que a outra, sem respeito por nada nem por ninguém, começou a vender os animais falantes e os normais para serem escravizados pelos Carlomanos que eram povos de um outro lugar que sempre quiseram se apoderar de Nárnia e de suas riquezas, eles já tinham a permissão do falso Aslam para destruírem as florestas, derrubarem as árvores matando seus espíritos e a dríades que possuíam espíritos encantados.

Toda essa barbárie chegou aos ouvidos do último rei de Nárnia Tirian, que ao saber das atrocidades permitidas por Aslam o qual não sabia que era falso, fica indignado e vai junto a seu fiel amigo o unicórnio Precioso ver com seus próprios olhos o que realmente estava acontecendo, com a intenção de por fim a essa terrível e cruel ação.

O que o rei Tirian não sabia é que quando uma mentira daquela magnitude se instala sobre um povo tão desacreditado como se encontravam os habitantes de Nárnia cheio de medo e totalmente decepcionados, um enorme estrago acontece, quase todos os seres de Nárnia já não acreditam em mais nada que lhes pudesse trazer esperança e paz, quase nenhum deles ficou ao lado do próprio Rei Tirian, começaram a lutar por si próprios, acreditando nas mentiras que o Macaco lançava sobre a imagem de Aslam, todos ficaram contra Aslam.

E assim a história se encaminha para o fim de Nárnia, com ajuda de outros personagens o macaco Manhoso consegue enganar a quase todos os seres, chegando a dizer que Aslam e Tash seriam as mesmas pessoas, já que eram seus seguidores, essa infâmia era o pior desrespeito cometida contra o Grande Leão, pois Tash era a própria representação do mal e Aslam era o supremo bem, com a virtude da honestidade e da justiça presente em si.

O que o macaco Manhoso e os seguidores de Tash não imaginavam, era que ao invocar seu mestre o próprio Tash viria busca-los. Aslam volta a Nárnia para destruí-la, para acabar com todas as mentiras, e para julgar todos os seus habitantes, os que iriam para junto de Tash e os que seriam merecedores de viver na terra de Aslam, a nova NovaNárnia, pondo fim desta maneira a toda a maldade trazida desde muito tempo pela rainha Jadis no início da criação de Nárnia.